



O ANJO RAPHAEL.

I.



ansado da vida, descrente dos homens, desconfiado das mulheres e aborrecido dos credores, o Dr. Antero da Silva determinou um dia despedir-se d'este mundo.

Era pena. O Dr. Antero contava trinta annos, tinha saude, e podia, se quizesse, fazer uma bonita carreira. Verdade é que para isso fôra necessario proceder a uma completa reforma dos seus costumes.

Entendia, porém, o nosso heróe que o defeito não estava em si, mas nos outros; cada pedido de um credor inspirava-lhe uma apostrophe contra a sociedade; julgava conhecer os homens, por ter tratado até então com alguns bonecos sem consciencia; pretendia conhecer as mulheres, quando apenas havia praticado com meia duzia de regateiras do amor.

O caso é que o nosso heróe determinou matar-se, e para isso foi á casa da viuva Laport, comprou uma pistola e entrou em casa, que era á rua da Misericordia.

Davão então quatro horas da tarde.

O Dr. Antero disse ao criado que puzesse o jantar na mesa.

— A viagem é longa, disse elle comsigo, e eu não sei se ha hoteis no caminho.

Jantou com effeito, tão tranquillo como se tivesse de ir dormir a sesta e não o ultimo somno. O proprio criado reparou que o amo estava n'esse dia mais folgazão que nunca. Conversárão alegremente durante todo o jantar. No fim d'elle, quando o criado lhe trouxe o café, Antero proferio paternalmente as seguintes palayras :

— Pedro, tira de minha gaveta uns cincoenta mil réis que lá estão; são teus. Vai passar a noite fóra e não voltes antes da madrugada.

— Obrigado, meu senhor, respondeu Pedro.

— Vai.

Pedro apressou-se a executar a ordem do amo.

O Dr. Antero foi para a sala, estendeu-se no divan, abriu um volume do *Diccionario Philosophico* e começou a ler.

Já então declinava a tarde e approximava-se a noite. A leitura do Dr. Antero não podia ser longa. Effectivamente d'ahi a algum tempo levantou-se o nosso heróe e fechou o livro.

Uma fresca briza penetrava na sala e annunciava uma agradável noite. Corria então o inverno, aquelle benigno inverno que os Fluminenses têm a ventura de conhecer e agradecer ao céo.

O Dr. Antero acendeu uma vela e sentou-se á mesa para escrever. Não tinha parentes, nem amigos a quem deixar carta; entretanto, não queria sahir d'este mundo sem dizer a respeito d'elle a sua ultima palayra. Trouvou da penna e escreveu as seguintes linhas :

« Quando um homem, perdido no matto, vê-se cercado de animaes ferozes ou traçoeiros, procura fugir se póde. De ordinario a fuga é impossivel. Mas estes animaes meus semelhantes, tão traçoeiros e ferozes como os outros, tiverão a inepecia de inventar uma arma, mediante a qual um transviãdo facilmente lhes escapa das unhas.

« É justamente o que vou fazer.

« Tenho ao pé de mim uma pistola, polvora e bala; com estes tres elementos reduzirei a minha vida ao nada. Não levo nem deixo saudades. Morro por estar enjoado da vida e por ter certa curiosidade da morte.

« Provavelmente, quando a policia descobrir o meu cadaver, os jornaes escreverãõ a noticia do meu acontecimento, e um ou outro fará a esse respeito considerações philosophicas. Importa-me bem pouco as taes considerações.

« Se me é licito ter uma ultima vontade, quero que estas linhas sejam publicadas no *Jornal do Commercio*. Os rimadores de occasião encontrarãõ assumpto para algumas estrophes. »

O Dr. Antero releu o que tinha escripto, corrigio em alguns lugares a

pontuação, fechou o papel em fôrma de carta, e pôz-lhe este sobrescripto :
Ao mundo.

Depois carregou a arma ; e, para rematar a vida com um traço de impiedade, a bucha que metteu no cano da pistola foi uma folha do Evangelho de S. João.

Era noite fechada. O Dr. Antero chegou-se á janella ; respirou um pouco, olhou para o céu, e disse ás estrellas :

— Até já.

E sahindo da janella accrescentou mentalmente :

— Pobres estrellas ! Eu bem quizera lá ir, mas com certeza hão de impedir-me os vermes da terra. Estou aqui, e estou feito um punhado de pó. É bem possivel que no futuro seculo sirva este meu envolucro para macadamisar a rua do Ouvidor. Antes isso ; ao menos terei o prazer de ser pisado por alguns pés bonitos.

Ao mesmo tempo que fazia estas reflexões, lançava mão da pistola, e olhava para ella com certo orgulho.

— Aqui está a chave que me vai abrir a porta d'este carcere, disse elle.

Depois sentou-se n'uma cadeira de braços, pôz as pernas sobre a mesa, á americana, firmou os cotovellos, e segurando a pistola com ambas as mãos, metteu o cano entre os dentes.

Já ia a disparar o tiro, quando ouviu tres pancadinhas á porta. Involuntariamente levantou a cabeça. Depois de um curto silencio repetirão-se as pancadinhas. O rapaz não esperava ninguem, e era-lhe indifferente fallar a quem quer que fosse. Comtudo, por maior que seja a tranquillidade de um homem quando resolve abandonar a vida, é-lhe sempre agradavel achar um pretexto para prolongal-a um pouco mais.

O Dr. Antero pôz a pistola sobre a mesa e foi abrir a porta.

II.

A pessoa que batêra á porta era um homem grosseiramente vestido. Trazia uma carta na mão.

— Que me quer? perguntou-lhe o Dr. Antero.

— Trago esta carta, que lhe manda meu amo.

O Dr. Antero approximou-se da luz para ler a carta.

A carta dizia assim :

« Uma pessoa que deseja propôr um negocio ao Sr. Dr. Antero da

Silva pede-lhe que venha immediatamente á sua casa. O portador d'esta o acompanhará. Trata-se de uma fortuna. »

O rapaz leu e releu a carta, cuja lettra não conhecia, e cujo laconismo trazia um ar de mysterio.

— Quem é teu amo? perguntou o Dr. Antero ao criado.

— É o Sr. major Thomaz.

— Thomaz de que?

— Não sei mais nada.

O Dr. Antero franziu a testa. Que mysterio seria aquelle? Uma carta sem assignatura, uma proposta laconica, um criado que não sabia o nome do patrão, eis quanto bastou para despertar vivamente a curiosidade do Dr. Antero. Apesar de não ter o espirito propenso ás aventuras, esta o impressionára a ponto que esqueceu por um instante a lugubre viagem tão friamente planeada.

Olhou para o criado attentamente; as feições são communs, o olhar pouco menos de estúpido. Evidentemente não era um complice, se é que no fundo d'aquella aventura havia um crime.

— Onde mora teu amo? perguntou o Dr. Antero.

— Na Tijuca, respondeu o criado.

— Mora só?

— Com uma filha.

— Menina ou moça?

— Moça.

— Que qualidade de homem é o major Thomaz?

— Não lhe posso dizer, respondeu o criado, porque fui para lá ha oito dias apenas. Quando entrei, disse-me o patrão: « José, a tua obrigação é servir muito, fallar pouco e não ver nada. » Até hoje tenho executado a ordem do patrão.

— Ha mais criados em casa? perguntou o Dr. Antero.

— Ha uma criada, que serve a filha do amo.

— Ninguem mais?

— Ninguem mais.

A idéa do suicidio já estava longe do espirito do Dr. Antero. O que o prendia agora era o mysterio d'aquella missão nocturna e as singulares referencias do portador da carta. Varreu-se-lhe do espirito igualmente a suspeita de um crime. A sua vida tinha sido tão indifferente ao resto dos homens, que não podia ter inspirado a ninguem a idéa de uma vingança.

Comtudo hesitava ainda; mas relendo o mysterioso bilhete, reparou

nas ultimas palavras : *trata-se de uma fortuna*; palavras que nas duas primeiras leituras apenas lhe causárão uma ligeira impressão.

Quando um homem quer deixar a vida por simples aborrecimento, a promessa de uma fortuna é razão bastante para suspender o passo fatal. No caso do Dr. Antero a promessa da fortuna era razão decisiva. Se averiguarmos bem a causa principal do tedio que este mundo lhe inspirava, veremos que não é outra senão a falta de cabedaes. Desde que estes lhe batião á porta, o suicidio já não tinha uma razão de ser.

O doutor disse ao criado que o esperasse, e tratou de vestir-se.

— Em todo o caso, disse elle comsigo, a todo o tempo é tempo; se não morrer hoje posso morrer amanhã.

Vestio-se, e lembrando-se de que seria conveniente ir armado, metteu a pistola no bolso, e sahio acompanhado pelo criado.

Quando os dous chegárão á porta da rua, já os esperava um carro. O criado convidou o Dr. Antero a entrar, e foi sentar na almofada com o cocheiro.

Comquanto os cavallos fossem a trote largo, longa pareceu a viagem ao doutor, que, apesar das circumstancias singulares d'aquella aventura, tinha ancia por ver-lhe o desfecho. Entretanto, á proporção que o carro se ia afastando do centro populoso da cidade, o espirito do nosso viajante tomava-se de certa apprehensão. Era elle mais estouvado que animoso; a sua tranquillidade diante da morte não era resultado do valor de animo. No fundo do seu espirito havia uma extrema dóse de fraqueza. Podia disfarçal-a quando dominava os acontecimentos; mas agora que os acontecimentos dominavão a elle, facilmente desaparecia o simulacro de coragem.

Emfim o carro chegou á Tijuca, e depois de andar um grande espaço, parou diante de uma chacara completamente separada de todas as demais habitações.

O criado veio abrir a porta, e o doutor apeou-se. As pernas tremião-lhe um pouco, e o coração pulsava-lhe apressadamente.

Estavão diante de um portão fechado. A chacara era cercada por um muro um tanto baixo, por cima doqual o Dr. Antero pôde ver a casa de habitação, collocada no fundo da chacara perto da encosta de uma collina.

O carro deu volta e partio, emquanto o criado abria o portão com uma chave que trazia no bolso. Entrárão os dous, e o criado fechando por dentro o portão indicou o caminho ao Dr. Antero.

Não quero dar ao meu heróe proporções que elle não tem; confesso que n'aquelle momento o Dr. Antero da Silva estava bem arrependido de ter aberto a porta ao importuno portador da carta. Se pudesse fugir, fugia,

ainda correndo o risco de passar por cobarde aos olhos do criado. Mas era impossivel. O doutor fez das tripas coração, e caminhou na direcção da casa.

A noite era clara, mas sem lua; soprava um vento que agitava brandamente as folhas das arvores.

O doutor caminhava por uma alameda acompanhado pelo criado; rangia a areia debaixo de seus pés. Apalpou o bolso para verificar se tinha a pistola comsigo; em todo o caso era um recurso.

Quando chegarão ao meio do caminho o doutor perguntou ao criado :

— O carro não volta?

— Supponho que sim; meu amo o informará melhor.

O doutor teve uma idéa subita: empregar o tiro no criado, saltar o muro e voltar para casa. Chegou a engatilhar a arma, mas immediatamente reflectio que o ruido despertaria a attenção, e a sua fuga tornava-se improvavel.

Resignou-se pois á sorte, e caminhou para a casa mysteriosa.

Mysteriosa é o termo; todas as janellas estavam fechadas; não havia uma unica restea de luz; não se ouvia o menor rumor de falla.

O criado tirou do bolso outra chave, e com ella abriu a porta da casa, que tornou a fechar apenas o doutor entrou. Ahi tirou o criado do bolso uma caixa de phosphoros, acendeu um, e com elle um rôlo de cêra que trazia comsigo.

O doutor vio então que se achava em uma especie de pateo, tendo ao fundo uma escada communicando para o sobrado. Perto da porta de entrada havia um cubiculo tapado por um gradil de ferro, e que servia de casa a um enorme cão. O cão entrou a rosar quando presentio gente; mas o criado fêl-o calar dizendo :

— Silencio, Dolabella!

Subirão a escada até acima, e depois de atravessarem um extenso corredor, achárão-se diante de uma porta fechada. O criado tirou do bolso uma terceira chave, e depois de abrir a porta convidou o Dr. Antero a entrar, dizendo :

— Queira o senhor esperar aqui, emquanto eu vou dar parte a meu amo da sua chegada. Entretanto deixe-me acender-lhe uma vela.

Effectivamente acendeu uma vela que se achava dentro de um castiçal de bronze em cima de uma pequena mesa redonda de mogno, e sahio.

O Dr. Antero achava-se n'um quarto; havia a um lado uma cama alta; a mobilia era de um gosto severo; o quarto tinha apenas uma janella, mas gradeada. Sobre a mesa havia alguns livros, penna, papel e tinta.

É facil imaginar a ancia com que o doutor esperou a resposta do seu mysterioso correspondente. O que elle queria era pôr termo áquella aventura, que tinha ares de um conto de Hoffman. A resposta não se demorou. O criado voltou dizendo que o major Thomaz não podia fallar immediatamente ao doutor; offerecia-lhe quarto e cama, e adiava a explicação para o dia seguinte.

O doutor insistio em fallar-lhe n'aquella occasião, pretextando ter importante motivo de voltar á cidade; no caso de não poder o major fallar-lhe, propunha elle voltar no dia seguinte. O criado ouviu-o com todo o respeito, mas declarou que não voltaria ao patrão, cujas ordens são imperiosas. O doutor offereceu dinheiro ao criado; mas este recusou os presentes de Artaxerxes com um gesto tão solemne, que tapou a boca ao moço.

— Tenho ordem, disse finalmente o criado, de trazer-lhe uma ceia.

— Não tenho fome, respondeu o Dr. Antero.

— N'esse caso, boa noite.

— Adeos.

O criado dirigio-se para a porta, enquanto o doutor o seguia anciosamente com os olhos. Iria elle fechar-lhe a porta por fóra? Realisou-se a suspeita; o criado fechou a porta e levou a chave comsigo.

É mais facil imaginar que narrar a noite afflictiva do Dr. Antero. Os primeiros raios do sol, penetrando através das grades da janella, achá-rão-o vestido sobre a cama, onde só conseguira adormecer pelas quatro horas da madrugada.

III.

Ora, o nosso heróe teve um sonho durante o curto espaço de tempo que dormio. Sonhou que tendo executado o seu plano de suicidio, fôra levado para a cidade das dôres eternas, onde Belzebuth o destinava a ser perpetuamente queimado n'uma immensa fogueira. O infeliz fazia as suas objecções ao anjo do reino escuro; mas este, como unica resposta, reiterava a ordem dada. Quatro chancelleres infernaes lançárão mão d'elle e o lançárão ao fogo. O doutor deu um grito e acordou.

Sahia de um sonho para entrar em outro.

Levantou-se espantado; não conhecia o quarto em que se achava, nem a cama em que dormira. Mas pouco a pouco foi-lhe reproduzindo a memoria todos os incidentes da vespera. O sonho tinha sido um mal imagi-

nario ; mas a realidade era um mal positivo. O rapaz teve impetos de gritar ; reconheceu porém a inutilidade do recurso ; preferio esperar.

Não esperou muito ; d'ahi alguns minutos ouviu o ruido da chave na fechadura.

Entrou o criado.

Trazia na mão as folhas do dia.

— Já de pé !

— Sim, respondeu o Dr. Antero. Que horas são ?

— Oito horas. Aqui tem as folhas de hoje. Olhe, alli tem um lavatorio.

O doutor não havia reparado ainda no lavatorio ; a preocupação tinha-lhe feito esquecer a lavagem do rosto ; tratou de remediar o esquecimento.

Emquanto lavava o rosto, perguntou-lhe o criado :

— A que horas almoça ?

— Almoçar ?

— Sim, almoçar.

— Pois eu vou ficar aqui ?

— São as ordens que tenho.

— Mas, emfim, estou ancioso por fallar a esse major que não conheço, e que me tem preso sem que eu saiba por que motivo.

— Preso ! exclamou o criado. O senhor não está preso ; meu amo quer fallar-lhe, e por isso é que eu o fui chamar ; deu-lhe quarto, cama, dá-lhe um almoço ; creio que isto não é têl-o preso.

O doutor tinha enxugado o rosto, e sentou-se n'uma poltrona.

— Mas que me quer teu amo ? perguntou elle.

— Isso não sei, respondeu o criado. A que horas quer o almoço ?

— A que fôr do teu gosto.

— Bem, respondeu o criado. Aqui tem as folhas.

O criado fez um respeitoso cumprimento ao doutor, e sahio fechando a porta.

Cada minuto que passava era para o desgraçado moço um seculo de angustia. O que mais o torturava erão precisamente aquellas attenções, aquelles obsequios sem explicação possivel, sem presumivel desfecho. Que homem seria este major, e que lhe queria elle ? O doutor fez mil vezes esta pergunta a si mesmo sem achar resposta possivel.

Do criado já sabia elle que nada poderia alcançar ; além de novo na casa, parecia absolutamente estúpido. Seria honesto ?

O Dr. Antero fez esta ultima reflexão mettendo a mão no bolso e tirando a carteira. Restavão-lhe ainda uns cincoenta mil réis.

— É quanto basta , pensou elle , para conseguir d'este pateta que me ponha fóra d'aqui.

O doutor esquecia que já na vespera o criado recusára dinheiro em troca de um serviço menos importante.

As nove horas voltou o criado trazendo n'uma bandeja um almoço delicado e appetitoso. Apesar da gravidade da situação, o nosso heróe atacou o almoço com uma intrepidez de verdadeiro general de mesa. Dentro de vinte minutos só restavão nos pratos mortos e feridos.

Ao mesmo tempo que comia ia elle interrogando o criado.

— Dize-me cá ; queres fazer-me um grande favor ?

— Qual ?

— Tenho aqui cincoenta mil réis á tua disposição , e amanhã posso dar-te mais cincoenta, ou cem, ou duzentos; em troca d'isto peço-te que arranjes meio de me pôr fóra d'esta casa.

— Impossivel, senhor, respondeu o criado sorrindo ; eu só obedeço a meu amo.

— Sim ; mas teu amo nunca virá a saber que eu te dei dinheiro ; tu podes dizer-lhe que a minha fuga foi devida a um descuido , e d'este modo ficamos ambos salvos.

— Eu sou honrado ; não posso aceitar o seu dinheiro.

O doutor ficou desanimado com a austeridade do famulo ; bebeu o resto de borgonha que tinha no copo, e levantou-se fazendo um gesto de desespero.

O criado não se impressionou ; preparou o café para o hospede e foi offerecer-lhe. O doutor bebeu dous ou tres golles e restituiu-lhe a chicara. O criado arrumou a louça na bandeja e sahio.

No fim de meia hora voltou o criado dizendo que seu amo estava prompto para receber o Dr. Antero.

Comquanto o doutor desejasse sahir da situação em que se achava , e saber o fim para que o havião mandado buscar, nem por isso o impressionou menos a idéa de ir ver emfim o terrivel e desconhecido major.

Lembrou-se que podia haver algum perigo , e instinctivamente apalpou a algibeira ; esquecia-se de que ao deitar-se tinha posto a pistola debaixo do travesseiro. Era impossivel tiral-a á vista do criado ; resignou-se.

O criado fêl-o sahir primeiro, fechou a porta e seguio adiante para guiar o misero doutor. Atravessárão o corredor por onde havião passado na vespera ; depois entrárão em outro corredor que ia ter a uma pequena sala. Ahi disse o criado ao doutor que esperasse emquanto ia dar parte a seu

amo, e penetrando n'uma sala que ficava á esquerda, voltou pouco depois dizendo que o major Thomaz esperava o Dr. Antero.

O doutor passou á outra sala.

IV.

Estava ao fundo, sentado n'uma poltrona de couro, um velho alto e magro, envolvido n'um largo chambre amarello.

O doutor deu apenas alguns passos e parou; mas o velho, apontando-lhe para uma cadeira que lhe ficava defronte, convidou-o a sentar.

O doutor obedeceu immediatamente.

Houve um curto silencio, durante o qual o Dr. Antero pôde examinar a figura que tinha diante de si.

Os cabellos do major Thomaz erão completamente brancos; a tez era pallida e macilenta. Os olhos vivos, mas encovados; dissera-se a luz de uma vela prestes a extinguir-se, e soltando do fundo do castiçal os seus ultimos lampejos.

Os beiços do velho erão finos e brancos; e o nariz, curvo como um bico de aguia, assentava sobre um par de bigodes da côr dos cabellos; os bigodes erão a base d'aquella enorme columna.

O aspecto do major poderia causar menos desagradavel impressão, se não fossem as bastas e cerradas sobranceiras, cujas pontas internas vinhão ligar-se na parte superior do nariz; além d'isso o velho contrahia constantemente a testa, o que lhe produzia uma enorme ruga que, vista de longe, dava ares de ser uma continuação do nariz.

Independentemente das circumstancias especiaes em que o doutor se achava, a figura do major inspirava um sentimento de medo. Podia ser uma excellente pessoa; mas o seu aspecto repugnava á vista e ao coração.

O Dr. Antero não ousava romper o silencio; e limitava-se a contemplar o homem. Este olhava alternativamente para o doutor e para as unhas. As mãos do velho parecião garras; o Dr. Antero já as estava sentindo cravadas em si.

— Estou fallando ao Dr. Antero da Silva? perguntou lentamente o major.

— Um seu criado.

— Criado de Deos, respondeu o major com um sorriso estranho.

Depois continuou:

— Doutor em medicina, não?

— Sim, senhor.

— Conheci muito seu pai ; fomos companheiros no tempo da independencia. Era elle mais velho do que eu dous annos. Pobre coronel ! ainda hoje sinto a tua morte.

O moço respirou ; a conversa levava um bom caminho ; o major confessava-se amigo de seu pai, e lhe fallava n'elle. Animou-se um pouco, e disse :

— Tambem eu, Sr. major.

— Bom velho ! continuou o major ; sincero, alegre, valente...

— É verdade.

O major levantou-se um pouco apoiando as mãos nos braços da poltrona, e disse com voz surda :

— E mais que tudo, era obediente áquelles que têm uma origem no céu !

O doutor arregalou os olhos ; não comprehendêra bem o sentido das ultimas palavras do major. Não podia suppôr que alludisse aos sentimentos religiosos de seu pai, que era tido no seu tempo como um profundo materialista.

Comtudo, não quiz contrariar o velho, e procurou ao mesmo tempo obter uma explicação.

— É exacto, disse o rapaz ; meu pai era profundamente religioso.

— Religioso não basta, respondeu o major brincando com os cordões do chambre ; conheço muita gente religiosa que não respeita os enviados do céu. Creio que o senhor foi educado com as mesmas idéas de seu pai, não ?

— Sim, senhor, balbuciou o Dr. Antero aturdido com as palavras enigmaticas do major.

Este, depois de esfregar as mãos e torcer o bigode repetidas vezes, perguntou ao seu interlocutor :

— Diga-me, foi bem tratado em minha casa ?

— Magnificamente.

— Pois aqui vai morar a seu gosto e o tempo que lhe parecer.

— Teria muita honra n'isso, respondeu o doutor, se pudesse dispôr do meu tempo ; ha de consentir, pois, que eu recuse por emquanto o seu offercimento. Apressei-me a vir hontem por causa do bilhete que me mandou. Que me quer V. Ex. ?

— Duas cousas : a sua companhia e o seu casamento ; dou-lhe em troca uma fortuna.

O doutor olhou espantado para o velho, e este, comprehendendo o espanto do rapaz, disse-lhe sorrindo :

— De que se admira ?

— Eu...

— Do casamento, não é ?

— Sim, confesso que... Não sei como mereço essa honra de ser convidado para noivo mediante uma fortuna.

— Compreendo o seu espanto; é proprio de quem foi educado lá fóra; eu cá procedo de modo contrario ao que se pratica n'esse mundo. Mas vamos, aceita?

— Antes de tudo, Sr. major, responda: porque se lembrou de mim?

— Fui amigo de seu pai; quero prestar-lhe esta homenagem posthuma dando ao senhor em casamento a minha unica filha.

— Trata-se então de sua filha?

— Sim, senhor; trata-se de Celestina.

Os olhos do velho tornarão-se mais vivos que nunca ao pronunciar o nome da filha.

O Dr. Antero olhou algum tempo para o chão e respondeu:

— Bem sabe que o amor é que faz os casamentos felizes. Entregar uma moça a um rapaz a quem ella não ama é dar-lhe um supplicio...

— Supplicio! Ora, ahi vem o senhor com a linguagem lá de fóra. Minha filha ignora até o que seja amor; é um anjo na raça e na candura.

Dizendo estas ultimas palavras o velho olhou para o tecto e ficou assim durante algum tempo como se contemplasse alguma cousa invisivel aos olhos do rapaz. Depois, abaixando outra vez os olhos, continuou:

— A sua objecção não vale nada.

— Tenho outra; é justo que aqui dentro não exista a mesma ordem de idéas que ha lá fóra; mas é natural que os que são lá de fóra não partilhem as mesmas idéas cá de dentro. Por outros termos, eu não desejaria casar com uma moça sem amal-a.

— Aceito a objecção; estou certo que apenas a vir ficará morrendo por ella.

— É possivel.

— É certo. Ora, pois, vá para o seu quarto; á hora do jantar mandalo-hei chamar; jantaremos os tres.

O velho levantou-se e foi a um canto da sala puxar pelo cordão de uma campainha. O Dr. Antero teve occasião de ver então a estatura do major, que era alta e até certo ponto magestosa.

Acudio o criado, e o major deu-lhe ordem de conduzir o doutor para o quarto.

VICTOR DE PAULA.

— *Continuar-se-ha.* —

